

AUTONOMIA E MOTIVAÇÃO PARA A PRÁTICA DA ORALIDADE EM LÍNGUA INGLESA: UM ESTUDO DE CASO DOS ALUNOS DO CURSO DE LETRAS LÍNGUA INGLESA GERENCIADOS PELO CAMPUS DA UFPA DE CAMETÁ*

Breno de Campos Belém – UFPA – Campus Cametá
Rafael Gonçalves de Sá – UFPA – Campus Cametá

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo averiguar de que forma os acadêmicos do curso de licenciatura em língua inglesa dos cursos administrados pelo Campus Universitário do Tocantins/Cametá-PA, em sua própria perspectiva, apresentam comportamentos autônomos e motivacionais para praticar a habilidade oral em língua inglesa. A partir de conversas informais e observações casuais, verificou-se que muitos alunos se sentem incapazes de participar efetivamente das aulas expondo suas ideias oralmente em língua inglesa. Deste modo, a proposta desta pesquisa é investigar de que forma os alunos pesquisados se comportam em relação à autonomia e motivação na aprendizagem e identificar quais métodos de prática estão sendo usados, pois, sabe-se que no processo de aprendizagem de uma nova língua, motivação e autonomia são fatores cruciais para o sucesso, tendo em vista que o aluno será mais propenso a assumir responsabilidade pela sua própria aprendizagem, agindo autonomamente e usufruindo dos recursos disponíveis que muitas vezes não são observados por alunos desmotivados e não autônomos. A metodologia utilizada será o estudo de caso de abordagem qualitativa. Participaram desta pesquisa alunos voluntários das turmas intensivas do curso de Letras Língua Inglesa das cidades de Tomé-Açu e Baião, bem como as de modalidade extensiva nas cidades de Cametá, Mocajuba e Tucuruí, cidades localizadas no Estado do Pará, Brasil. Neste trabalho foram privilegiadas as teorias de motivação e autonomia na aprendizagem de línguas.

PALAVRAS-CHAVE: autonomia; motivação; língua inglesa; produção oral; aprendizagem.

1 Introdução

Este trabalho é o resultado parcial de um projeto de pesquisa intitulado Autonomia e motivação na aprendizagem da produção oral de língua inglesa: formação de professores no município de Baião, Cametá, Tomé Açu e Tucuruí. Neste projeto investigamos se os alunos de graduação dos cursos de Letras Língua Inglesa nas cidades supracitadas, possuem motivação e autonomia para a prática da habilidade oral em língua inglesa. É importante mencionar no início deste trabalho que todos os cursos de Língua Inglesa ofertados nessas cidades são gerenciados pela Faculdade de Linguagem, mais especificamente o curso de Letras Língua Inglesa do Campus Universitário do Tocantins-Cametá da Universidade Federal do Pará.

* XIV EVIDOSOL e XI CILTEC-Online - junho/2017 - <http://evidosol.textolivre.org>

Por meio de observações e conversas informais, percebemos que a maioria dos alunos que já concluíram metade ou grande parte do curso possui dificuldades no que concerne à produção oral em língua inglesa (doravante LI). Apesar de já terem cursado e concluído todas as disciplinas que são direcionadas ao ensino da língua oferecidas pelo projeto político curricular do curso, as mesmas dificuldades ainda são encontradas.

Nossa hipótese inicial é de que este fenômeno pode estar relacionado à falta de autonomia e motivação por parte dos alunos, pois para muitos deles o sucesso na aprendizagem da fluência na produção oral é considerado como algo extremamente difícil “e até mesmo impossível” caso não haja acompanhamento constante de um professor. Sendo esta uma crença presente na fala de muitos que aprendem, aceitar o fracasso torna-se uma consequência cômoda para suas realidades, uma vez que não há um cenário que os proporcionem oportunidades de traçarem metas mais altas (VILAÇA, 2010).

Autores como Benson (2001), Dickinson (1994), Holec (1981) já abordaram a autonomia, relacionando-a ao processo de aprendizagem de línguas. Do mesmo modo que para a motivação, autores como Dörnyei (2001), Ushioda (1996) e Leffa (1994) já produziram muitos trabalhos correlacionando a aprendizagem de idiomas à motivação.

No que concerne à autonomia, Benson (2001) destaca que ser autônomo não significa aprender sozinho ou sem um professor, mas sim, responsabilizar-se e tomar iniciativa por sua própria aprendizagem. Ele ressalta ainda que alunos autônomos estabelecem objetivos a serem alcançados, definem conteúdos a serem estudados, selecionam métodos e técnicas a serem usados, monitoram o processo da aprendizagem propriamente dita e avaliam o que já foi aprendido.

Dickinson (1994) afirma que ser autônomo não quer dizer aprender sem regras ou limites. A autonomia não deve ser relacionada com o abandono da sala de aula ou a não necessidade de um professor, fazendo o aprendente alguém que não precisa de ajuda, pois terá capacidade de estudar e evoluir suas habilidades solitariamente. Entretanto, este é um conceito equivocado; não devemos encarar a autonomia na aprendizagem de idiomas, como algo que é feito de maneira solitária, pois, o processo de autonomia não se baseia nisso.

Na visão de Holec (1981, p. 3), autonomia é “a habilidade de ser responsável pela sua própria aprendizagem” e que tal habilidade é a disposição ou capacidade de fazer algo e não um tipo de comportamento realizado pelo aprendente. Sendo assim, a autonomia é vista pelo autor como uma capacidade do aprendente de línguas de tomar decisões que serão benéficas para o desenvolvimento de suas habilidades.

Dörnyei e Ottó (1998, apud DÖRNYEI, 2001) define motivação como a mudança dinâmica e cumulativa que surge em uma pessoa que inicia, direciona, coordena, amplifica, conclui e avalia os processos cognitivos e motores através do qual os desejos e vontades são selecionados, priorizados, operacionalizados e representados.

Dörnyei (1982, apud DÖRNYEI, 1990, p. 46) cita algumas das características que constituem as atitudes que um aprendente autônomo, faz uso, como:

O interesse em línguas estrangeiras; desejo a aprender a língua-alvo; atitudes em relação à aprendizagem da língua-alvo; atitudes em relação à situação de aprendizagem; desejo de interagir com a comunidade da língua-alvo; e atitudes em direção à comunidade linguística alvo.

É muito importante identificarmos se os aprendentes estão recebendo suporte para que possam desenvolver a autonomia e motivação. Através disso, é possível desenvolver métodos que

auxiliem os aprendentes, e assim, podem aprender mais e melhor, retirando das mãos do professor a responsabilidade exclusiva pelo sucesso ou fracasso de seus alunos.

2 Material e métodos

Esta pesquisa foi realizada nos cursos dos quais o Campus Universitário do Tocantins/Cametá-PA administra, que são na modalidade intensiva e extensiva. A modalidade intensiva ocorre nos meses de janeiro e parte de fevereiro, bem como em julho e parte do mês de agosto. Os períodos extensivos compreendem aulas em apenas um turno – matutino, vespertino, ou noturno – de quatro horas diárias. Já os intensivos, contam com a realização das aulas nos turnos matutino e vespertino com oito horas de aulas diárias, sendo quatro horas em cada turno. A modalidade extensiva possui um período de 100 dias letivos, e a intensiva 50 dias letivos. As cidades que foram privilegiadas com a pesquisa são: Baião, Cametá, Mocajuba, Tomé-Açu e Tucuruí.

Investigou-se neste projeto, alunos voluntários a participar da pesquisa nas cinco cidades supracitadas. É importante ressaltar que todas as turmas iniciam com a oferta de 40 vagas. Entretanto, dentre os alunos matriculados e regularmente cursando no período da pesquisa, havia 32 alunos na turma Inglês-2012/Cametá/Noturno, 30 alunos na turma Inglês-2013/Cametá/Matutino, 27 alunos na turma de Tomé-Açu/2013/Extensivo e 23 alunos na turma Tucuruí/2013/Matutino, 28 alunos na turma de Mocajuba/2016/Vespertino e 26 alunos na turma Inglês-2015/Baião/Intensivo (manhã e tarde).

Os instrumentos utilizados para a coleta dos dados presentes no corpus deste trabalho, foi a seguinte pergunta: você possui o hábito de procurar materiais para estudo autônomo, como, por exemplo, letras de músicas, filmes, livros e vídeos na internet que o ajudem a praticar inglês? Se sim, como você utiliza esses meios de aprendizagem?

A pesquisa teve início com a coleta de dados das narrativas no período letivo de 2016, correspondente ao mês de junho/julho do referido ano. As coletas dos dados foram feitas através de um aplicativo para *smartphones* de mensagem instantânea chamado *WhatsApp*. As únicas entrevistas realizadas pessoalmente com os participantes foram com a turma Inglês/2013/Cametá, devido ao fácil acesso aos aprendentes, pois, os pesquisadores deste trabalho residem em Cametá.

Optou-se por utilizar um aplicativo para *smartphones* chamado *WhatsApp*, pois, as cidades pesquisadas, com exceção de Cametá, são de difícil acesso aos pesquisadores. Outro motivo para a escolha do *WhatsApp* foi o fato de que todos os alunos que foram privilegiados com esta pesquisa, possuem acesso ao aplicativo, que permite o envio de mensagens instantâneas por texto e o envio de mensagens de áudio.

O aplicativo *WhatsApp* possui uma função que permite a criação de grupos nos quais os alunos podem interagir. Essas interações podem ocorrer por meio de conversas privadas um a um ou em grupos específicos em que os usuários compartilham interesses em comum. Os pesquisadores fizeram uso deste recurso para entrar em contato com os alunos de cada Campus pesquisado, entrando nos grupos das turmas e enviando-lhes uma mensagem explicando como funcionaria a pesquisa e convidando-os a participar. O total de 32 alunos, somando todas as turmas de inglês pesquisadas, aceitaram voluntariamente participar desta pesquisa.

O principal objetivo ao analisar os dados foi averiguar como as teorias utilizadas para constituir o referencial teórico deste trabalho, refletiam-se na fala dos participantes. A análise foi

iniciada buscando cooptações relevantes entre as narrativas coletadas e o referencial teórico deste trabalho.

3 Resultados

A análise dos dados coletados revelou quais métodos os aprendentes, entrevistados nesta pesquisa, fazem uso para praticar a língua inglesa fora da sala de aula. Músicas e filmes em inglês foram os mais citados pelos entrevistados, mostrando que pode haver uma preferência pela união da prática de inglês com um hábito já presente no dia a dia dos aprendentes; tornando a aprendizagem um momento não apenas de estudos, mas de entretenimento. Também foram citados meios como: textos (livros e artigos *online*), *softwares* (programas para computador e aplicativos para *smartphones*). Uma pequena parte dos entrevistados relatou que não faz uso de nenhum meio para praticar inglês.

Métodos utilizados para praticar inglês

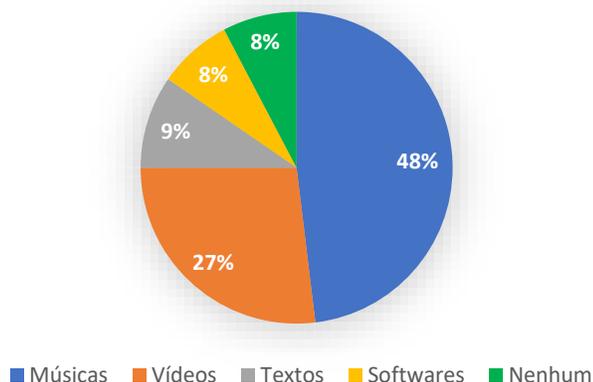


Figura 1- Gráfico contendo os métodos utilizados pelos alunos pesquisados para praticar a língua inglesa

Alguns dos participantes da pesquisa apresentaram comportamentos autônomos, assim como podemos notar no seguinte relato:

Sim, sempre que posso faço uso desses meios. Quando ouço uma música tento compreender o máximo que puder, depois procuro a letra da música na internet pra aprender palavras que não conheço. Assisto também alguns filmes e séries. Na primeira vez eu assisto sem legenda, na segunda (se for preciso), eu coloco. Já tentei ler alguns livros, mas nunca consigo terminar. No facebook, curti algumas páginas que postam conteúdo relacionado ao inglês isso me ajuda bastante, sempre que aparece alguma notícia ou artigo que me interesse eu vou lá e leio [sic].

Outros participantes demonstraram que apenas praticam inglês de maneira esporádica, não havendo um tempo certo dedicado à esta prática, como podemos notar a seguir:

De vez em quando. Quando eu tô naquele momento de estudar, mesmo. Eu vou a procurar. Normalmente, eu não fico com aquele pensamento de aprender, eu não dou muita atenção [sic].

Em grande parte dos dados coletados os aprendentes não mencionaram hábitos que poderiam intensificar a eficácia de seus métodos de estudo, pois, apenas ouvem músicas ou assistem filmes sem nenhum tipo de avaliação posterior com a qual o aprendente poderia analisar se sua estratégia de aprendizagem está funcionando de fato.

4 Discussão

De acordo com os dados coletados, notou-se que os participantes desta pesquisa apresentam comportamentos autônomos, assim como Holec (1981, p. 3) deixa claro em sua teoria, ao dizer que a autonomia é “a habilidade de ser responsável pela sua própria aprendizagem”.

As narrativas demonstraram que os entrevistados possuem uma preferência por mídias publicadas nos meios eletrônicos como músicas e filmes, sendo que 48% dos participantes fazem uso de músicas como meio para praticar inglês e 27% fazem uso de vídeos como filmes, séries de TV e vídeos da internet. Esses resultados foram alcançados com a tabulação dos dados e quantificação dos mesmos ao final da pesquisa.

Como o objetivo deste trabalho é analisar se os alunos de inglês dos Campi pesquisados praticam inglês para aperfeiçoar a habilidade oral de maneira autônoma, ao passar os dados supracitados para o contexto da pesquisa, fica evidente a deficiência na prática da produção oral em si, uma vez que os alunos fazem uso apenas de músicas e vídeos dos quais pode-se obter vocabulário e aperfeiçoar a pronúncia, mas a produção oral fica comprometida.

Não houve relatos sobre prática oral em língua inglesa entre alunos ou práticas de oralidade com outras pessoas, podendo ser amigos, falantes nativos ou em grupos de estudo. Pelos resultados obtidos, percebeu-se que os aprendentes pesquisados procuram praticar inglês apenas de maneira solitária.

Os dados também mostraram que uma pequena parte dos entrevistados não fazem uso de *softwares* como aplicativos para *smartphones* e programas para computador para se beneficiar na aprendizagem da referida língua ou para praticar a habilidade oral com outrem. Existe uma grande variedade desses *softwares* que podem ser utilizados de maneira gratuita, mas mesmo com tanta facilidade de acesso ainda não fazem parte dos meios de aprendizagem dos participantes desta pesquisa.

5 Considerações finais

Percebemos ao longo do processo desta pesquisa que os aprendentes dos Campi privilegiados com este trabalho possuem graus diferenciados de autonomia e motivação. Os participantes apresentaram hábitos variados no que se refere aos meios paralelos à prática do inglês. Hábitos como ouvir música, assistir filmes e vídeos na internet foram os mais frequentes.

O pesquisador constatou que os participantes podem estar a atrelar algo lúdico, como assistir vídeos em inglês na internet, aos seus métodos de aprendizagem da habilidade oral. Isso pode significar que esta é uma estratégia para buscar motivação na aprendizagem da língua inglesa, o que é benéfico para os aprendentes.

Uma pequena parte dos participantes desta pesquisa demonstraram baixo grau de autonomia. Também foi detectado que os possíveis motivos para isso podem estar associados ao desconhecimento dos alunos em relação ao curso de Letras Língua Inglesa, uma vez que uma parte dos voluntários desta pesquisa ingressaram no curso (Letras Língua Inglesa) motivados pela falta de opção na localidade onde os entrevistados residem.

Como pesquisadores, pudemos também constatar que a grande maioria dos alunos entrevistados iniciaram o curso de Letras Língua Inglesa de maneira motivada, mas quase nunca apresentaram comportamentos autônomos. Este fato pode estar associado à falta de treinamento dos aprendentes, uma vez que em algumas entrevistas notamos que os participantes esperavam um acompanhamento maior dos professores.

Apesar da maioria dos aprendentes demonstrarem emergências de comportamentos autônomos e de motivação, muitos deles não fazem uso de estratégias de aprendizagem, ou seja, eles apenas buscam meios de aprendizagem, mas não possuem conceitos críticos para verificar se aqueles hábitos serão eficazes, ou não.

Referências

- BENSON, P. **Teaching and researching autonomy in language learning**. Harlow, RU: Pearson Education, 2001.
- DICKINSON, L. **Learner autonomy**: What, why, and how. *Autonomy in language learning*, p. 1-12, 1994.
- DÖRNYEI, Z. **Motivation and second language acquisition**. Vol. 23. Natl Foreign Lg Resource Ctr, 2001.
- DÖRNYEI, Z; OTTÓ, I. **Motivation in action**: A process model of L2 motivation. p. 43-69, 1998.
- HOLEC, H. **Autonomy in Foreign Language Learning**. Oxford: Pergamon, 1981.
- LEFFA, V. J. **Autonomy in language learning**. Editora da Universidade, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994.
- USHIODA, E. **Learner autonomy 5**: the role of motivation. Dublin, Ireland: Authentik, 1996.
- VILAÇA, M. L. C. **Aprendizagem de língua inglesa**: das dificuldades à autonomia. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, v. 9, p. 42-53, 2010.